

História



O cenário rural guarda as características antigas de Periperi, cujos moradores se confundem com a própria história do bairro

Veraneio suburbano

Periperi foi 'point' badalado dos veranistas baianos até a década de 70

Andreia Santana

A paisagem é atípica, mistura e rima comum de pobreza com beleza. E só quem já percorreu o subúrbio ferroviário de Salvador de trem conhece a sensação de nostalgia que invade a alma cada vez que os olhos percorrem de um lado, o espelho verde azulado do mar de golfo da cidade baixa, e do outro, as centenas de casas se equilibrando sobre a montanha desmatada. Nascido com as linhas da via férrea da Leste Brasileira, Periperi guarda na memória de seus antigos moradores as histórias do tempo em que era um famoso balneário de veraneio, onde empresários e famílias tradicionais aproveitavam os três meses em que o sol brilha intenso na cidade, passeando de lancha e promovendo memoráveis bailes.

A estação festiva durou até meados dos anos 70, quando o processo de favelização dividiu o antigo paraíso. De um lado o velho bairro provinciano e pacato, de finais de tarde com cadeiras na porta, desenvolvendo-se paralelo à linha do trem. Do outro, o crescimento desordenado e as construções irregulares nas encostas que dissolvem com a chuva. "O trem chegava a Juazeiro, Acaraju e ia até Propriá, na divisa com Maceió", recorda seu Cândido Silva, 92 anos, 77 deles morando no velho balneário.

Ex-funcionário da Viação Férrea Federal Leste Brasileira, empresa criada em 1934, seu Cândido foi morar em Periperi ainda na década de 20, "quando aqui não existia nem uma centena de casas e para alcançar essas ban-

cura maior acontecia entre os meses de novembro a março. Antes de existirem trens regulares para o subúrbio, até metade dos anos 50, os moradores das pequenas concentrações naquela região usavam canoas para se deslocar até a Ribeira, onde então tinham acesso aos bondes", informa Al Melo, superintendente da CBTU.

Além do fluxo intenso dos passageiros, as estações suburbanas de Lobato, Plataforma, Escada, Periperi, Praia Grande e Paripe, também servem como alternativa de renda para gente como dona Maria do Carmo dos Santos, 64 anos, vendedora de doces, balas, suco e água mineral na parada de trem de Periperi: "A viagem é curta, mas sempre tem quem goste de chupar um queimado enquanto chega ao seu destino", diz.

Segundo Al Melo, o primeiro trecho da via férrea ligando a Calçada a Paripe, última parada suburbana, foi inaugurado em 1860. De lá para cá, o trem influenciou tanto a vida da antiga colônia de pescadores e férias, que até a eletricidade chegou para a população do subúrbio por causa do nostálgico meio de transporte. "Em 1948, devido à necessidade de eletrificar as linhas do trem, os moradores de Periperi e adjacências foram beneficiados com a chegada da energia elétrica", revela.

Nos tempos modernos, seis trens fazem o trajeto Calçada-Paripe, que custa para o usuário módicos R\$0,36. Acostumada a sair cedo para pegar o trem na Estação de Periperi, descer na Calçada, ir a pé até o Comércio, tomar o Elevador Lacerda, que custa mais R\$0,05, ganhando

questão de acrescentar.

A chamada Estrada Velha de Periperi ainda lembra um caminho da roça, com suas grandes mangueiras, gado pastando no capinzal nas laterais da pista e o cheiro característico de estrume. "Quem vinha de carro para cá pegava essa estrada. Lembro que quando eu era menina somente duas famílias tinham carro, a de um médico chamado Osvaldo Dever de Souza, muito tradicional, e a de doutor Almeida, o farmacêutico", completa a ex-aluna do Instituto Feminino da Bahia e criadora de uma das escolas infantis mais antigas de Periperi.

Recusando-se a trocar a sala de aula e os alunos pela aposentadoria, dona Eunice Palma, chamada carinhosamente de "Sorinha", faz questão de ensinar etiqueta e boas maneiras aos estudantes, repassar para eles as noções de ética que aprendeu com o pai, também ferroviário da Leste, e levá-los para percorrer os museus de Salvador. "Até pouco tempo eu costumava organizar passeios de trem com as crianças, íamos para a Calçada e depois percorríamos todas as estações suburbanas. Nesses passeios contava para elas a história da companhia férrea e o que sei sobre o nascimento do bairro onde elas vivem", revela.

Fragmentos do passado

Na sala de visitas da casa de dona Eunice, a mesma onde ela mora desde os 7 anos e onde começou sua Es-

Cenário de romance

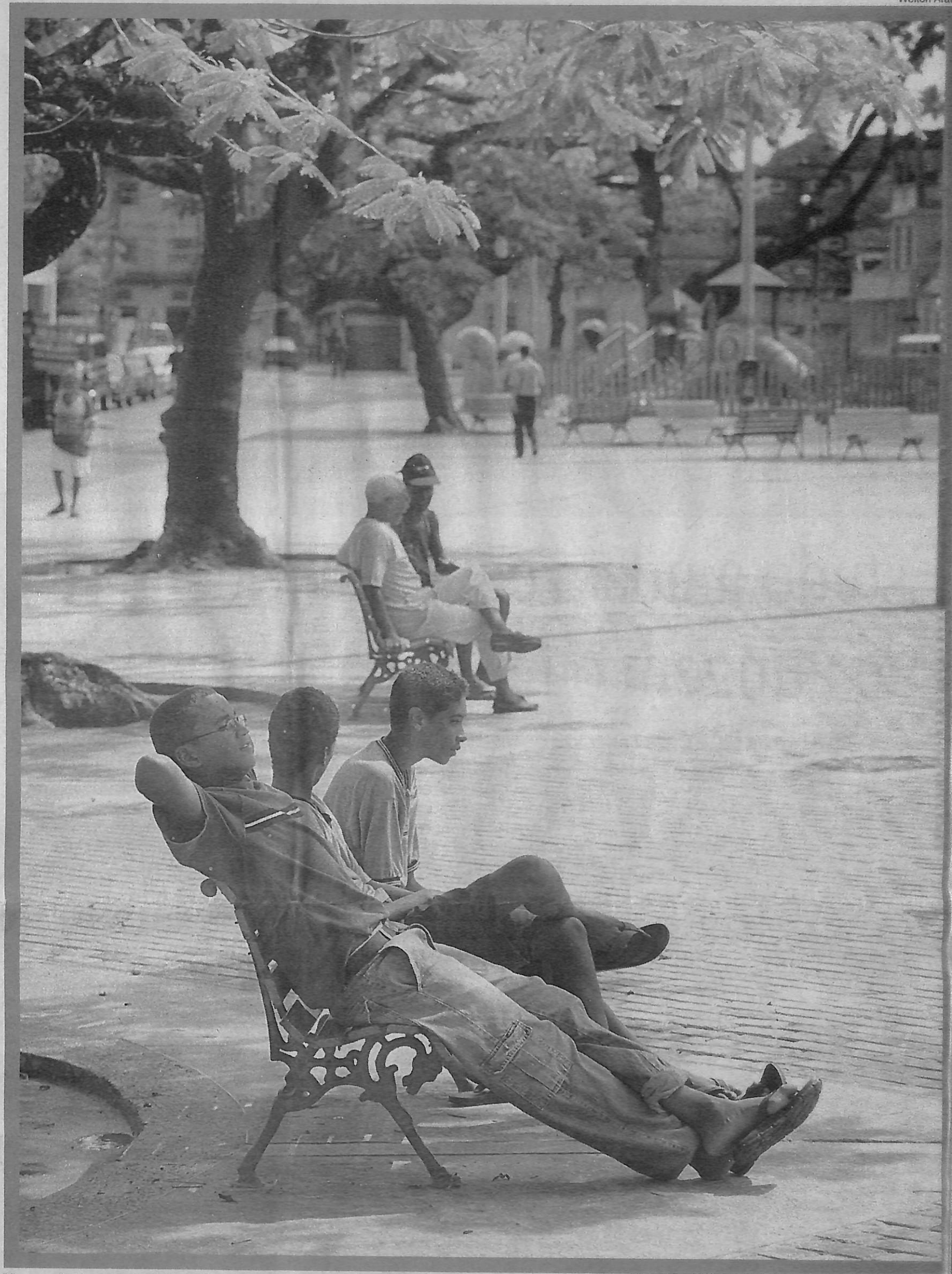
Morador de Periperi nos anos 40, Jorge Amado retratou o bairro em um dos seus livros

Welton Araújo

'Dos meses alegres, Periperi conservava apenas um certo ar festivo de colônia de férias. Decorrente talvez do colorido das casas pintadas de azul, de rosa, de verde, de amarelo, das grandes árvores da praça, da praia, da estação. Todos se conhecem, encontram-se diariamente, as esposas conversam sobre problemas domésticos, trocam mudas de flores para os jardins, receitas de bolo e doces, os maridos jogam gamão e dama, emprestam-se jornais, alguns se dedicam à pesca de linha, todos se reúnem na estação e, sentados nos bancos, aguardam a passagem dos trens. Reúnem-se, também, no fim da tarde na praça. Cadeiras de balanço, de braços, espreguiçadeiras, além de bancos toscos em torno das árvores. Discutem política, recordam acontecimentos do último veraneio, prolongam a velhice longe da cidade grande cujas luzes se acendem na distância, marcando a hora do jantar. Na paz infinita desse refúgio, o tempo é lento de passar e, na hora cálida da sesta, tem-se a impressão de haver o tempo parado definitivamente'

A descrição de Jorge Amado - encontrada num dos primeiros capítulos do livro *Os velhos marinheiros - O capitão de longo curso*, ou *As aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão* - intrigou a professora Eunice Palma, há mais de 60 anos moradora de Periperi. Ao ler o texto, dona Eunice não teve dúvidas. Ligou para a casa do escritor no Rio Vermelho e perguntou sobre sua relação com o distante bairro suburbano. A esposa dele, Zélia Gattai, confidenciou à professora - Jorge Amado morou em Periperi nos anos 40. Na opinião do sociólogo Gey Espinheira, o texto é o retrato perfeito da Periperi antiga, anterior à Avenida Suburbana. "Ele ambientou o livro em 1929, quando Periperi era uma terna estação de recreio. Depois da abertura da Avenida Suburbana, deu-se a divisão daquela região: os antigos bairros ao longo dos trilhos da Leste e nascidos na beira do mar, que conservam algumas características de cidade de interior. E as favelas do alto da encosta, para onde se mudou a massa de desempregados e provenientes do êxodo rural", explica o especialista, autor do artigo *Imagem da cidade feia e desumana: Salvador vista no subúrbio ferroviário*, que deve ser publicado ainda neste semestre pela Editora da Ufba.

Quando o comandante Vasco Moscoso de Aragão, exibindo farda de gala e um car-



No cenário aprazível do bairro, o clima de cidadezinha de interior é um convite ao descanso, ao lazer e ao romance

gente, nas casas tinha festa até a madrugada, muita gente de família boa tinha casa de Verão aqui", diz Cândido Silva.

Entre as famílias boas, como diz o ancião, que passavam as férias no bairro, a de Lauro de Freitas, então diretor da Leste Brasileira, além de empresários e políticos. "Até a década de 70 os governadores da Bahia mantinham a tradição de veranejar em Periperi", acrescenta Gey Espinheira.

Dona Eunice relembra as quermesses organizadas pelo padre Antonio Monteiro, responsável pelos batizados, casamentos e funerais na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Periperi. "O padre organizava partidas de futebol no campo do Esporte Clube Periperi (também conhecido como Flamengo) e trazia times do interior. A intimidade dele com os paroquianos era tão grande que ele avisava para cada família, hoje vocês vão receber os jogadores para o almoço, e ninguém fazia

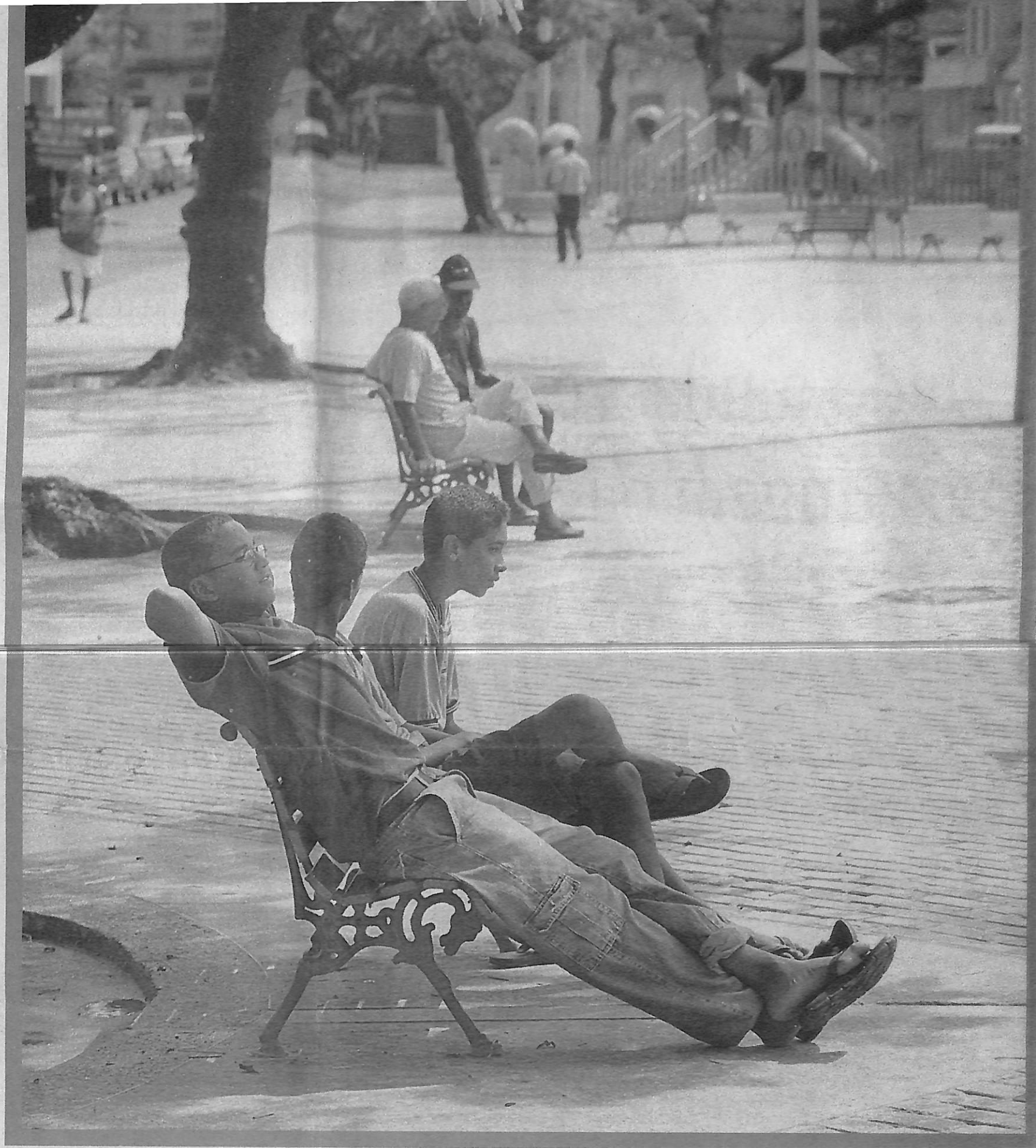
descreve-o como uma área distante e descontinua do tecido urbano mais denso e dinâmico da cidade. Era como um apêndice, com seu *éthos* prouvinciano, guardando relações sociais tradicionais em comparação às observadas na metrópole", define.

Pesquisador do Centro de Recursos Humanos da Ufba, que atualmente dedica-se ao mapeamento total de Salvador tanto no aspecto humano quanto no físico, o sociólogo lembra que, com o tempo, o subúrbio e seus moradores, chamados de suburbanos de maneira pejorativa, passaram a ter uma conotação de lugar violento e de gente sem cultura. "Embora os índices de violência ainda sejam altos nessa região, é leviano correlacionar pobreza com violência gratuitamente. Existe uma lógica perversa por trás desses índices. Numa sociedade de consumo, as brigas entre gangues e os assaltos estão relacionados com a desigualdade na

do ensino médio no Colégio Estadual Castelo Branco. Simone pretende prestar vestibular para direito, enquanto as outras duas colegas ainda estão indecisas sobre a futura carreira. As três pretendem trabalhar, mas aguardam a tão sonhada primeira chance. Do outro lado de uma mesma moeda, uma lista afixada no mural da escola de Eunice Palma revela os nomes dos ex-alunos que passaram na seleção 2001 para cursos como medicina, engenharia e comunicação. "Infelizmente a sociedade ainda faz uma idéia errada do subúrbio e dos jovens daqui. Nós é que fazemos o lugar onde moramos e não o contrário", diz Edleuza.

As três adolescentes lamentam, no entanto, que hoje em dia elas tenham menos liberdade de sair à noite do que a geração de dona Eunice. No entanto, acreditam que os riscos sejam os mesmos para os adolescentes de bairros nobres. "Sinto falta mes-

conhecem, encontram-se diariamente, as esposas conversam sobre problemas domésticos, trocam mudas de flores para os jardins, receitas de bolo e doces, os maridos jogam gamão e dama, emprestam-se jornais, alguns se dedicam à pesca de linha, todos se reúnem na estação e, sentados nos bancos, aguardam a passagem dos trens. Reúnem-se, também, no fim da tarde na praça. Cadeiras de balanço, de braços, espreguiçadeiras, além de bancos toscos em torno das árvores. Discutem política, recordam acontecimentos do último veraneio, prolongam a velhice longe da cidade grande cujas luzes se acendem na distância, marcando a hora do jantar. Na paz infinita desse refúgio, o tempo é lento de passar e, na hora cálida da sesta, tem-se a impressão de haver o tempo parado definitivamente’



No cenário aprazível do bairro, o clima de cidadezinha de interior é um convite ao descanso, ao lazer e ao romance

A descrição de Jorge Amado - encontrada num dos primeiros capítulos do livro *Os velhos marinhos* - *O capitão de longo curso*, ou *As aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão* - intrigou a professora Eunice Palma, há mais de 60 anos moradora de Periperi. Ao ler o texto, dona Eunice não teve dúvidas. Ligou para a casa do escritor no Rio Vermelho e perguntou sobre sua relação com o distante bairro suburbano. A esposa dele, Zélia Gattai, confidenciou à professora - Jorge Amado morou em Periperi nos anos 40. Na opinião do sociólogo Gey Espinheira, o texto é o retrato perfeito da Periperi antiga, anterior à Avenida Suburbana. "Ele ambientou o livro em 1929, quando Periperi era uma terna estação de recreio. Depois da abertura da Avenida Suburbana, deu-se a divisão daquela região: os antigos bairros ao longo dos trilhos da Leste e nascidos na beira do mar, que conservam algumas características de cidade de interior. E as favelas do alto da encosta, para onde se mudou a massa de desempregados e provenientes do êxodo rural", explica o especialista, autor do artigo *Imagem da cidade feia e desumana: Salvador vista no subúrbio ferroviário*, que deve ser publicado ainda neste semestre pela Editora da Ufba.

Quando o comandante Vasco Moscoso de Aragão, exibindo farda de gala e um cartão com a inscrição Capitão de Longo Curso, desembarcou na Estação Ferroviária de Periperi, já os moradores esperavam curiosos para saber quem iria habitar a casa que fora varrida, lavada e perfumada na véspera. Para narrar a saga do aventureiro dos sete mares que resolveu curtir sua aposentadoria no sossegado balneário, Jorge Amado usou o olhar alcoviteiro da vizinhança, os mexericos e comentários típicos de pequenas povoações onde faltam divertimentos e sobra gente ociosa. No livro, o misterioso personagem, com suas histórias de mulheres abandonadas em portos do mundo inteiro, naufrágios e tormentas, fascinava os aposentados, "verdadeiros moradores de Periperi nos meses em que faltava a alegria e a jovialidade dos veranistas", escreve Amado.

Tirando os exageros característicos da literatura, o romance *Os velhos marinhos* acabou se tornando uma das poucas referências existentes sobre os costumes antigos do bairro, também resguardados na memória dos poucos sobreviventes daquele período como dona Eunice e seu Cândido. "O veraneio era a época mais animada de Periperi, as ruas e a praça ficavam cheias de

gente, nas casas tinha festa até a madrugada, muita gente de família boa tinha casa de Verão aqui", diz Cândido Silva.

Entre as famílias boas, como diz o ancião, que passavam as férias no bairro, a de Lauro de Freitas, então diretor da Leste Brasileira, além de empresários e políticos. "Até a década de 70 os governadores da Bahia mantinham a tradição de veraneiar em Periperi", acrescenta Gey Espinheira.

Dona Eunice relembra as quermesses organizadas pelo padre Antonio Monteiro, responsável pelos batizados, casamentos e funerais na Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Periperi. "O padre organizava partidas de futebol no campo do Esporte Clube Periperi (também conhecido como Flamenguinho) e trazia times do interior. A intimidade dele com os paroquianos era tão grande que ele avisava para cada família, hoje vocês vão receber os jogadores para o almoço, e ninguém fazia desfeita. No São João, o hábito era sair de casa em casa comendo e bebendo e no Carnaval, desfilavam cordões de mascarados e afoxés", narra a professora, lembrando que Periperi é o berço do bloco afro Ara Ketu.

Estação de férias

A decadência de Periperi como estação de férias se acentuou a partir dos anos 70. Naquele período, além da abertura da Avenida Suburbana, que se de um lado serviu para aproximar o bairro do centro de Salvador, por outro quebrou o isolamento bucólico em que seus antigos moradores viviam, Gey Espinheira lembra que a criação do Centro Industrial de Aratu e a instalação da Companhia Química do Recôncavo começaram um processo rápido de poluição e degradação da Baía de Todos os Santos.

"A denominação clássica para subúrbio

descreve-o como uma área distante e descontínua do tecido urbano mais denso e dinâmico da cidade. Era como um apêndice, com seu *éthos* provinciano, guardando relações sociais tradicionais em comparação às observadas na metrópole", define.

Pesquisador do Centro de Recursos Humanos da Ufba, que atualmente dedica-se ao mapeamento total de Salvador tanto no aspecto humano quanto no físico, o sociólogo lembra que, com o tempo, o subúrbio e seus moradores, chamados de suburbanos de maneira pejorativa, passaram a ter uma conotação de lugar violento e de gente sem cultura. "Embora os índices de violência ainda sejam altos nessa região, é leviano correlacionar pobreza com violência gratuitamente. Existe uma lógica perversa por trás desses índices. Numa sociedade de consumo, as brigas entre gangues e os assaltos estão relacionados com a desigualdade na distribuição de renda e não porque o fato de ser pobre implique em ser violento", esclarece.

Gey Espinheira enumera ainda que no subúrbio não existe só violência: "Ninguém fala do Perifolia por exemplo, festa que movimentava o bairro no Carnaval. Ou do aspecto histórico da ocupação suburbana. Desde 1570 que os jesuítas fundaram povoações em São Tomé de Paripe, Garcia d'Ávila criava gado nessa região, onde também existiam atividades de engenho. No subúrbio também fica a maior reserva de mata atlântica do Brasil, o Parque de São Bartolomeu, sagrado para os adeptos do candomblé e que nos anos 50 era para Salvador o que Pituaçu representa hoje como área de lazer", informa.

Juventude suburbana

Simone, Esmerina e Edleuza têm a mesma idade, 19 anos, e cursam o terceiro ano

do ensino médio no Colégio Estadual Castelo Branco. Simone pretende prestar vestibular para direito, enquanto as outras duas colegas ainda estão indecisas sobre a futura carreira. As três pretendem trabalhar, mas aguardam a tão sonhada primeira chance. Do outro lado de uma mesma moeda, uma lista afixada no mural da escola de Eunice Palma revela os nomes dos ex-alunos que passaram na seleção 2001 para cursos como medicina, engenharia e comunicação. "Infelizmente a sociedade ainda faz uma idéia errada do subúrbio e dos jovens daqui. Nós é que fazemos o lugar onde moramos e não o contrário", diz Edleuza.

As três adolescentes lamentam, no entanto, que hoje em dia elas tenham menos liberdade de sair à noite do que a geração de dona Eunice. No entanto, acreditam que os riscos sejam os mesmos para os adolescentes de bairros nobres. "Sinto falta mesmo é dos cinemas que existiam aqui e foram fechados. Nossa diversão limita-se aos bailes *funk*, pagodes e às atrações de fora que fazem shows no clube. Gosto porém desse sossego de vir para a praça nos finais de semana e das serestas na praia", acrescenta Esmerina.

Morar em outro lugar com mais oportunidades é o desejo de Simone. Muitos adolescentes como ela sonham o mesmo e para isso tentam alcançar projeção através da música e da dança. Nas ruas de Periperi e de outras localidades do subúrbio, proliferam bandas de pagode. Enquanto isso, gente como dona Eunice, seu Cândido e a mulher dele, dona Maria José, apesar de colocarem trancas e grades nas portas, não trocariam Periperi por nenhum outro lugar na cidade alta. "Aqui vivi os melhores e mais felizes anos de minha vida", finaliza Eunice Palma.